

9 out. oct. 18h30
Centro Cultural do Cartaxo

Ruído Rosa

Alina Ruiz Folini

Ruído Rosa propõe “desierarquizar a relação entre ver, dizer e escutar”, pondo também em causa o ocularcentrismo ocidental abordado no teu projecto anterior, co-criado com a Leticia Skrycky (Projeto Tátil, 2017-2020). Como é que uma proposta coreográfica se desloca de uma lógica visual para um exercício de escuta?

Nesta coreografia procuro uma experiência que perfure o visual a partir do que soa, ressoa e vibra, seja isto ar, som, gritos, palavras, cantos, fonéticas, língua, palato, dentes... e até saliva! Interessa-me que as imagens possam também invocar alucinações sensoriais, não só visuais, que as palavras percam o seu lugar central para se dissolver nos orifícios. Neste caso imagino um corpo possuído pelas imaginações orais, vocais, bucais. Um exercício de vvbv vocalização.

Em que medida é que a não-normatividade, com especial atenção à relação entre fazer e pensar, está presente nas tuas práticas de pesquisa?

Fugir da normatividade é uma prática política, pois implica uma pergunta constante sobre as narrativas hegemónicas que reproduzimos, que são impostas sobre as nossas vidas, afectos e corpos. Desestabilizá-las nas relações que construímos com o mundo, de forma colectiva, implica atravessar momentos de vulnerabilidade, por isso, temos de nos acompanhar com paciência e ternura, e também com o direito a falhar, a errar. Esta prática define a minha vida em diversos aspectos e fez-me atravessar processos migratórios, de dissidência sexual e de género, perguntar pelos cuidados e pelas crises em curso. ¶ É preciso insistir na transformação dos protagonismos que já conhecemos: humano sobre natureza, cisgeneridade sobre transgeneridade, adultos sobre crianças, capacidades sobre divergências, norte sobre sul, branquitude sobre tudo o resto, etc.... As práticas artísticas que procuro têm a ver com visões que buscam redistribuir os centros e, também, transitar outros itinerários fora da binariedade, mais fronteiriços, no ordenamento dos corpos, as formas de conhecer e criar sentidos. ¶ Procuo fazer-pensar com a potência do deslocamento, da magia, do imperceptível, do serpenteante, e não desde a auto-afirmação nem a eficácia. Por exemplo, inventar com Ana Rita Teodoro oráculos onde fazer perguntas aos seres vegetais; ou convidar Josefa Pereira a incorporar o meu corpo Ruído Rosa e performar intuitivamente o solo nos ensaios; ou pensar com Daniel Pizamiglio formas de criar um diário da escuta onde traduzir as percepções de um corpo-orelha gigante; praticar o “tarot dramático” com Luciana Chierigati para visualizar a dramaturgia desde as forças, mais que desde as formas; exercitar com Carolina Mendonça um encontro com a peça, mas também com as práticas que fazem parte, pensando na pesquisa como centro, experimentar com Marine Sigaut a força da fragilidade e como o figurino a acompanha; procurar com Carolina Campos maneiras de escolher e discernir sem entender. ¶ Passar tempo com certas perguntas, certas pessoas, certas matérias é uma maneira de ser deslocada pelas histórias que elas trazem e vice-versa, de nos identificar como algo transitório e em transição, uma maranha com muitas diferenças, mas também em convivência e contaminação constante.

Que práticas de investigação desenvolves que se aproximam ou entram em diálogo com sensibilidades lésbicas e queer? E, tendo experiência de diferentes contextos (América Latina e Europa) que recepção destas questões tens encontrado no teu percurso?

Passo tempo com diferentes processos e inquietudes, com uma intensidade amorosa. Mais do que investigar sobre ou a partir de temáticas lésbicas e queer, investigo certos acontecimentos, conceitos, intuições, materialidades, encontros, leituras, práticas e perguntas que surgem da minha experiência vital em encontro com outros, de algum modo, poetizando uma identidade política assim como politizando uma identidade sexual. Procuo habitar formas desviadas de perceber o mundo, criar outros itinerários onde pôr em causa as histórias que querem ser chamadas universais e dar valor a saberes e processos que têm sido invisibilizados, proibidos, olvidados e ainda, muitas vezes, hoje, perseguidos. ¶ Quanto aos territórios, ainda não passei muitos anos na Europa, e tem sido sempre em países do sul europeu, por isso não consigo dizer muito mais que algumas generalidades que não têm a ver com uma ideia de Europa como coisa homogénea. Mas percebo que, muitas vezes as “formas queer” de habitar os corpos e as suas práticas tendem a institucionalizar-se ou a ser instrumentalizadas ou tornam-se uma estética,

Ruído Rosa proposes “dehierarching the relationship between seeing, speaking and listening”, while also questioning the Western ocularcentrism addressed in your previous project, co-created with Leticia Skrycky (Projeto Tátil, 2017-2020). How does a choreographic proposal move from a visual logic to an exercise in listening?

In this choreography, I am looking for an experience which can pierce through the visual from a sound, from what resonates and vibrates, whether it is the air, a sound, screams, words, songs, phonetics, language, the palate, teeth... and even saliva! It is interesting to me that images can also invoke sensory, not merely visual, hallucinations; that words can lose their central place to dissolve within the orifices. In this case, I imagine a body possessed by oral, vocal, buccal imaginations. An exercise in vvbv vocalization.

To what degree is the non-normative, with special emphasis on the relationship between doing and thinking, present in your research.

Rejecting the normative is a political practice, it implies a constant questioning of the hegemonic narratives we reproduce, which are imposed on our lives, affections and bodies. To destabilize them in the relationships we construct with the world, collectively, implies going through moments of vulnerability; therefore, we must give ourselves patience and tenderness, and also the right to fail, to be wrong. This practice defines my life in several ways and leads me to undergo migratory processes of sexual and gender dissidence, seeking out the precautions and crises in progress. ¶ We must insist on the transformation of the protagonisms we already know: human over nature, cisgender over transgender, adults over children, capabilities over divergences, north over south, whiteness above all else, etc....Accordingly, the artistic practices I look for have to do with visions of seeking out other, perhaps more marginal, itineraries in the ordering of bodies and the ways of knowing or creating meanings which are established in the normative. I seek to do-think with the potency of dislocation, magic, the imperceptible, the serpentine, and not from self-affirmation and efficacy. For example, inventing oracles to pose questions to vegetable beings with Ana Rita Teodoro; inviting Josefa Pereira to incorporate my body in Ruído Rosa, and intuitively perform the solo in rehearsals; thinking of ways to create a listening diary in which to translate the perceptions of a giant ear-body with Daniel Pizamiglio; practice encountering the piece with Carol, but also with the associated practices, thinking that a piece is just one part of research, but isn't always the centre... ¶ Spending time with certain questions, certain people, certain materials, is a way of being dislocated through the stories they bring and vice-versa, of identifying as something transitory and in transition, of surroundings with many differences, in constant coexistence and contamination.

What research practices that approach, or enter into dialogue with, lesbian and queer sensibilities do you develop? And, having experienced different contexts (Latin America and Europe), what kind of reception to these questions have you found on your journey?

I spend time with different processes and anxieties, with a loving intensity. Beyond researching, or focusing on lesbian and queer topics, I research certain happenings, concepts, intuitions, materialities, encounters, readings, practices and questions which come up through my life's experience in encountering others in some way, poeticizing a political identity as well as a sexual identity. I seek to inhabit deviant forms of understanding the world, creating other itineraries in which to question histories which want to be called universal, and attribute value to knowings and processes which have been made invisible, forbidden, forgotten and often, even today, persecuted. ¶ With regards to the territories, I haven't yet spent many years in Europe, and it's always been in Southern European countries, so I can't really say much except a few generalities, which have nothing to do with an idea of Europe as something homogenous. But I understand that, often, “queer forms” of inhabiting bodies and their practices, tend to institutionalize themselves or to be instrumentalized, or they become an aesthetic, or pronouns are prioritized above social movements, running the risk of emptying the practices of their political and communitarian aspects. ¶ In my experience, in South America, the field of self-management and intersectionality is very strong. It's something I miss but I haven't yet had enough time here, and the pandemic has completely changed the possibilities for meeting.

9 out. oct. 18h30
Centro Cultural do Cartaxo

Ruído Rosa

Alina Ruiz Folini

ou priorizam-se os nomes próprios sobre os movimentos sociais, com o risco de esvaziar das práticas as dimensões política e comunitária. ¶ Na minha experiência na América do Sul o campo da autogestão e interseccionalidade é muito forte. É uma coisa de que sinto falta, mas ainda não tive tempo suficiente aqui e a pandemia mudou completamente as possibilidades de encontro.

Tens apresentado maioritariamente a solo, mas articulas os teus processos com muitas pessoas na dramaturgia e na criação dos espetáculos. Em que medida essas colaborações se reverberam no teu trabalho?

Dentro dos processos artísticos que realizo, a colaboração tem um lugar central: preciso que as metodologias de criação e os contextos para criar que inventamos tenham espaço e se estruturam para o fazer em companhia, para aprender a “fazer-pensar com”. É por isto que cada processo de criação me toma muito tempo e me transforma intensamente. ¶ Para mim, os conhecimentos que surgem das relações que estabelecemos entre pessoas, materiais, objectos, textualidades, etc..., são sempre um processo de aprendizagem e prática compartilhadas, mesmo com funções e responsabilidades diferentes. Isto significa que as relações de autoria precisam de ser deslocadas do seu protagonismo clássico. ¶ Ruído Rosa é o meu segundo solo, o primeiro foi Supervivencia, criado em 2016. Fazer um solo foi mais uma emergência das condições económicas e materiais, a impossibilidade de ter acesso a recursos suficientes para sustentar equipas ou processos grupais, do que o resultado de um desejo de trabalhar em solidão. De facto, não gosto de trabalhar sozinho! Também, em grande medida, responde à escassez de contextos baseados na colaboração na minha experiência europeia. Sou parte e tenho criado muitos processos de colaboração e co-criação em formas diversas, em distintos países, maioritariamente sul americanos, mas não só: Projeto Tátil (2017 a 2020), com Leticia Skrycky; As Mãos (2019), com Leticia e Luciana Chieregati; Arqueologías del Futuro (2016 - ...), com Catalina Lescano, Camila Malenchini, Flor Carrizo, Constanza Zarnitzer; Trilogía Antropofágica (2016 a 2020), com Tamara Cubas; Metodologías Compartidas (2018), com Carolina Campos, Lu Chieregati, Ibon Salvador, Vera Garat, Santiago Turenne; Leitura de Seres Vegetais (2020), com Ana Rita Teodoro, Spillovers (2020), com Rita Natálio...

You have mostly done solo shows, but you express your processes with many people in the dramaturgy and creation of the shows. To what extent do these collaborations reverberate in your work?

In the artistic processes I direct, collaboration plays a central role: I need the creative methodologies and the contexts for creating we invent to have themselves the space and structure to be performed with company, to learn how to “do-think”. That’s why each creative process takes me a long time and transforms me intensely. ¶ For me, the knowledge that results from the relationships we establish between people, materials, objects, textualities, etc... are always a process of learning and shared practices, even if with different functions and responsibilities. This means that authorial relationships must be dislocated from their classic protagonism. ¶ Ruído Rosa is my second solo, the first was Supervivencia, created in 2016. Doing a solo was due more to an emergency of economic and material conditions, the impossibility of having access to enough resources to sustain teams and group processes, than a desire to work alone. In fact, I don’t like working alone! Also, to a large extent, it addresses the lack of context based on collaboration in my European experience. I’m a part of, and have created, many collaborative and co-creation processes in different forms, in different countries, primarily, but not exclusively, in South America: Projeto Tátil (2017 to 2020), with Leticia Skrycky; As Mãos (2019), with Leticia and Luciana Chieregati; Arqueologías del Futuro (2016 - ...), with Catalina Lescano, Camila Malenchini, Flor Carrizo, Constanza Zarnitzer; Trilogía Antropofágica (2016 to 2020), with Tamara Cubas; Metodologías Compartidas (2018), with Carolina Campos, Lu Chieregati, Ibon Salvador, Vera Garat, Santiago Turenne; Leitura de Seres Vegetais (2020), with Ana Rita Teodoro, Spillovers (2020), with Rita Natálio...

DANÇA (ESTREIA) / DANCE (PREMIERE)

DANÇA (ESTREIA) / DANCE (PREMIERE)

Alina Ruiz Folini

(Argentina). Artista não binária, bailarina, coreógrafo e pesquisador. O seu trabalho transita entre coreografia, dança, escrita e práticas curatoriais. Mestre em Prática Cênica e Cultura Visual / Museu Nacional de Arte Reina Sofia (Madri). Em 2020 integra o PACAP 4, no Forum Dança. Dirige ARQUEOLOGÍAS DEL FUTURO _ Encontro Internacional de Dança, Performance e Conhecimento, em Buenos Aires. Apresentou o seu trabalho no Center for Performance Research e Judson Church (US), JUNTA Festival Internacional de Dança (Brasil), CCK (Argentina), La Casa Encendida, Teatro Pradillo (Espanha), Festival NIDO (Uruguai), FIDCU - Festival Internacional de Dança Contemporânea Uruguai, entre outros. Cria o Projeto TÁCTIL com Leticia Skrycky (UY) e Luciana Chieregati (BR). Desde 2016 é bailarina da Trilogia Antropofágica e Série Canibal dirigida por Tamara Cubas (UY) apresentando em Portugal, Espanha, Suíça, Áustria, Holanda, Brasil, Argentina e Chile. Actualmente dança em SIRI, com direcção de Marco da Silva Ferreira e Jorge Jácome (PT). É performer em COBERTOS PELO CÉU (BR), projecto de Gustavo Ciriaco. Colabora com Ana Rita Teodoro (PT) no processo LEITURA DE SERES VEGETAIS e na criação de SPILLOVERS de Rita Natálio (PT).

Alina Ruiz Folini

(Argentina) Non-binary artist, dancer, choreographer and researcher. Their work navigates between choreography, dance, writing and curatorial practices. Master in Scenic Practice and Visual Culture / Reina Sofia National Museum of Art, 2018 (Madrid). They were part of PACAP 4 in Forum Dança. Director of ARQUEOLOGÍAS DEL FUTURO _ International Festival of Dance, Performance and Knowledge, in Buenos Aires. They have presented their work in Center for Performance Research and Judson Church (US), JUNTA International Dance Festival (Brazil), CCK (Argentina), La Casa Encendida (Madrid), Teatro Pradillo (Madrid), Festival NIDO (Uruguay), FIDCU - International Contemporary Dance Festival Uruguay, among others. They create Proyecto TÁCTIL with Leticia Skrycky and Luciana Chieregati. Since 2016 they have been dancers in the Trilogia Antropofágica and Série Canibal directed by Tamara Cubas (UY) performing in Portugal, Spain, Switzerland, Austria, Netherlands, Brazil, Argentina and Chile. They currently dance in SIRI, directed by Marco da Silva Ferreira and Jorge Jácome (PT). They are performers in COBERTOS PELO CÉU, a project by Gustavo Ciriaco (BR). They collaborate with Ana Rita Teodoro (PT) in the LEITURA DE SERES VEGETAIS process and in the creation of SPILLOVERS by Rita Natálio (PT).

Criação, dança e coreografia / Creation, dance and choreography Alina Ruiz Folini Colaboração artística e dramaturgia / Artistic and dramaturgic collaboration Josefa Pereira Figurinos / Costumes Marine Sigaut Iluminação / Light Victor Colmenero Mir Acompanhantes / Companions Luciana Chieregati, Carolina Mendonça, Daniel Pizamiglio, Carolina Campos Apoio à criação / Creation support Fundação Calouste Gulbenkian, La Caldera – Barcelona, O Rumor do Fumo – Programa de residências Artistas Emergentes, ENTRE Festival Salmon, Residências Forum Dança – Residência PACAP 4, Graner – Barcelona